

A prostituição: uma forma possível de subjetivação frente ao desamparo?

Prostitution: is this way to reach subjectivity when facing hellessness?

Maria da Graça Gastal Borges Fortes¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo examinar como algumas mulheres, frente ao desamparo vivido na infância, se constituíram enquanto sujeitos e se fixaram nos discursos sobre a mulher e a feminilidade. Não pretendendo fazer uma apologia à prostituição, porém, apresento o caso de duas pacientes que tiveram em comum uma vida de miséria e violência familiar e, em função disso, fizeram uma incursão pela prostituição a qual se constituiu como uma via de subjetivação. Para tal, utilizo a teoria psicanalítica, buscando mostrar o que autores como Freud, Klein, Aulagnier, Chasseguet-Smirgel, Bleichmar, entre outros, pensam sobre as dificuldades do desenvolvimento da feminilidade e da subjetivação feminina. No final, sustento que a prostituição pode ter representado para essas mulheres a necessidade de um olhar sobre o corpo, de novas identificações e que este foi o melhor caminho que elas puderam encontrar para se libertar do ambiente perverso em que desenvolveram.

Palavras-Chave: prostituição; feminilidade; subjetivação; desamparo; psicanálise

Abstract: This paper aims to examine how some women, when facing the helplessness experienced in childhood, constituted themselves as subjects and fixed themselves in speeches about women and femininity. Not intending to make an apologia to prostitution. I present the cases of two patients that had in common a life of misery and family violence, therefore they made a foray into prostitution as a way of reaching subjectivity. For such, I use psychoanalytic theory aiming to show what authors as Freud, Klein, Aulagnier, Chasseguet-Smirgel, Bleichmar, and others, think about the difficulties in the development of femininity and female subjectivity. At the end, I sustain that prostitution may have represented to these women the need of care and of new identifications and that this was the best way they could find to be free of the perverse environment in which they grew.

Key Words: prostitution; femininity; subjectivity; helplessness; psychoanalysis

¹ Psicóloga, membro do corpo clínico do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Especialista em teoria psicanalítica e as psicoterapias da infância e da adolescência. Monografia apresentada no CIPT para receber o título de especialista em teorias psicanalíticas e as psicoterapias de adulto. Correspondência para: mgbfortes@cursohbo.com.br

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta.

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura dor e alegria...

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida....

("Maria, Maria" de Milton Nascimento)

Quantas "Marias" escutamos diariamente em nossos consultórios? E o que buscam? Às vezes, nem elas sabem... talvez preencher um vazio, talvez se fazerem ouvir..., talvez sair do anonimato no meio da multidão. Poder ter um nome e um sobrenome que as distinga das demais, poder ter um discurso próprio, talvez poder "Ser". Ser algo mais que *Maria Ninguém*, ser algo mais que do que ocupar o lugar do desejo do outro. Poder desejar. Talvez não serem vistas somente como pedaços de carne, pedaços do desejo. Talvez poder ser Maria Eugênia, Maria Augusta. Duas pacientes que apresentarei neste trabalho. Duas mulheres que, como tão bem nos fala Milton Nascimento, trazem no corpo marcas do passado, *que não vivem, agüentam*, pois, na tentativa de poderem sair do anonimato das multidões de "Marias" sofridas e maltratadas, prostituíram-se, e, de alguma forma, conseguiram se "subjeter" a partir daí.

Em comum, tiveram uma vida de miséria, de violência familiar. Em comum, tiveram mães que não refletiram no espelho de seu olhar um ser, mas sim a si próprias, deixando os corpos de suas filhas fragmentados. Mães deprimidas, também maltratadas e que achavam que este fado, que esta vida era coisa de mulher. Mães que desvalorizavam o pai, os homens, o

masculino. Em comum, tiveram pais que não serviram de apoio para que se libertassem dos mandatos maternos. Pais que sequer lhes olhavam no rosto, que sequer as conheciam.

Para entender o processo das duas "Marias" vamos acompanhar a deficitária trajetória na busca da subjetividade, o percurso pela prostituição e a luta que enfrentaram para se constituírem enquanto sujeitos. Percebemos nesse processo um tanto de repetição, mas também transformações ocorreram a partir deste percurso.

Este trabalho não visa a fazer uma apologia à prostituição, mas poder mostrar como, para muitas mulheres, esta foi a saída possível que encontraram. Minha proposta é examinar como essas mulheres se constituíram enquanto sujeitos e se fixaram nos discursos sobre a mulher e a feminilidade na atualidade, visto que, estes aspectos relativos à prostituição tem sido pouco contemplados na literatura psicanalítica.

Convido-os, então, a rever questões sobre a feminilidade, desde Freud, Klein, Aulagnier, Chasseguet-Smirgel, Bleichmar, entre outros.

Como Freud entendia o desenvolvimento das mulheres?

Ao longo dos anos (1905 até 1932), Freud constrói, a partir de suas experiências clínicas e sua curiosidade, a teoria sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, sendo que, ao final desta caminhada, ele conclui que é muito difícil saber sobre o "continente negro" e "o que deseja uma mulher".

O monismo sexual que é preponderante até a puberdade é visto como fator determinante para a constituição da feminilidade, visto que, neste período, somente o pênis é reconhecido. Quando a menina percebe que não possui um pênis, pensará que foi castrada e desejará ser um menino. O complexo de castração perpassará os dois sexos, mas a "inveja do pênis" será uma característica da menina, visto que a vagina será desconhecida por ambos até a puberdade. Até este período, a organização sexual infantil é fálica, ou seja, feminino e masculino se referem ao "fálico" e "castrado". Para a masculinidade, a atividade, o pênis; para a feminilidade, o objeto e a passividade (Freud, 1905/2006, 1923/2006).

A organização genital está ausente até o complexo de Édipo. O Édipo na menina inicia quando ela percebe a diferença entre os sexos, abrindo-lhe uma ferida narcísica, fazendo com que se sinta inferior por ser desprovida do pênis, gerando o complexo de

castração e a inveja do pênis, que pode tornar-se um traço de caráter feminino: o ciúmes. Nesse momento, ela renuncia à masculinidade e volta-se para a feminilidade. Renuncia ao pênis e passa a desejar um filho do pai; a mãe torna-se rival, e a menina, mulher (Freud, 1925/2006).

O complexo de Édipo na menina é mais lento, tênue e complexo do que no menino, visto que a mesma não teme a castração, pois esta já se realizou. Assim, esse processo psíquico fica a cargo de fatores externos (intimidação, temor de não ser amada, educação) e se torna menos poderoso do que no menino. Além disso, a menina tem uma ambivalência neste período, pois, apesar de sua rivalidade com a mãe, existe uma longa história de afeição para com esta (Freud, 1924/2006).

Para o menino, a castração é uma eterna ameaça, e não basta para ele reprimir o complexo edipiano, dessexualizando e, em parte, sublimando os investimentos libidinais, favorecendo a incorporação dos objetos ao ego, onde será formado o núcleo do superego. No menino, o complexo de Édipo deixa de existir até mesmo no inconsciente: O superego torna-se herdeiro do complexo de Édipo. Esse processo no menino está relacionado à narcisização do pênis. Porém, para a menina falta esta motivação fazendo com que o complexo de Édipo apague-se lentamente, ou seja, ele é reprimido, mas não transformado, e, às vezes, persiste ao longo da vida (Freud, 1924/2006; 1933/2006).

O reconhecimento da castração e o sentimento de superioridade no homem determinam a forma como a menina vai se colocar na sociedade: renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade (Freud, 1932/2006).

O papel do complexo de castração é de suma importância para a formação psicosssexual da mulher. Voltar-se para objetivos passivos não tem o mesmo significado que passividade, pois é necessário muita atividade no complexo de Édipo para alcançar seus objetivos. Além disso, não se pode esquecer a importância do social que tende a colocar a mulher em situações passivas, reprimindo seus instintos agressivos, o que faz com que ela volte suas tendências agressivas para o próprio interior. Daí o masoquismo, como Freud afirma, deve ser essencialmente feminino (Freud, 1932/2006).

A feminilidade em Melanie Klein e divergências com Freud

Klein discorda de Freud com relação ao seu pensamento de que, para ambos os sexos, o medo da castração é a força motriz da repressão, pois, segundo ela, na menina, não há

dúvidas com relação ao complexo de castração, mas é difícil pensar em ansiedade de castração, visto que não há o que ser castrado. A castração já ocorreu. Para a autora, a maior ansiedade da menina é o de ter o interior de seu corpo assaltado e destruído (Klein, 1932/1997).

As frustrações (orais) vividas com a mãe fazem com que a menina se volte para o pênis paterno, inaugurando o núcleo da conflitiva edípica precoce, sob forma de incorporação oral do pênis paterno, juntamente com as pulsões genitais. Contudo, na fantasia o pênis do pai está retido no interior do corpo materno, todo poderoso e possuidor de tudo que é bom. Esta fantasia intensifica sentimentos de inveja e ódio, produzindo fantasias sádicas de atacá-la e destruir seu interior, tomando para si seus conteúdos. Entretanto, o medo da retaliação, como resposta da mãe a essa agressividade, forma a base da ansiedade mais profunda na menina.

Chasseguet-Smirgel (1988) examina as idéias de Freud, nas quais o complexo de castração leva a menina a odiar a mãe que não lhe deu o pênis, por questões narcísicas. Entretanto, em Klein a menina odeia a mãe pelas mesmas razões, porém deseja o pênis por razões libidinais, como um objeto de satisfação oral. Não por tendências masculinas, mas sob a ação dominante de seus elementos instintuais feminino.

O desejo oral do pênis paterno torna-se o protótipo do desejo vaginal, genital desse pênis. Por todas as qualidades mágicas com que ele é investido, capaz de satisfazer os desejos despertados pela frustração oral materna, ele pode se tornar um objeto perigoso. Impulsos destrutivos também são dirigidos a ele, principalmente se seu sadismo oral for predominante. O ódio que ela centra no pênis do pai que está dando satisfação à mãe pode deslocar o medo que sente pela mãe (sua ansiedade mais profunda) para o pênis do pai, apêndice odiado da mãe. Se isso ocorrer, a mulher adulta pode adotar uma atitude distorcida com relação ao sexo masculino, bem como suas relações objetais não serão adequadas, pois o estágio do amor parcial não será superado (Klein, 1932/1997).

A introjeção do pênis do pai torna-se o núcleo do superego (nos dois sexos) e é decisivo no desenvolvimento da vida sexual dependendo se as fantasias prevalentes são relativas a um pênis "bom" ou a pênis "mau". Quando a situação for desfavorável e o medo do pênis "mau" introjetado prevalecer, como forma de testar a realidade, voltará sua capacidade de amar para um parceiro sádico. A tendência de aliviar o medo dos perigos

internos e externos por meio de provas do mundo externo é um fator crucial na compulsão à repetição. Quanto mais neurótico o sujeito, mais essas provas acham-se ligadas à punição.

A mulher que tem o pênis "mau" internalizado tem fortes inclinações masoquistas e tende a confiar seus afetos a um parceiro sádico, bem como a fazer esforço de todos os tipos, que consomem as energias de seu ego, para transformá-lo em um pênis bom. Frequentemente, o medo do pênis internalizado cria na mulher uma premência para testar a situação de ansiedade repetidamente, o que resulta em ela se encontrar sob uma compulsão constante ao ato sexual, independentemente de ser com seu objeto ou objetos variados.

Se a menina adota uma atitude masoquista, suas tendências sádicas são dirigidas contra seus objetos internalizados. Todavia, se o medo que sente for muito intenso, se defenderá contra as ameaças, a partir de dentro, por meio da projeção e dirigirá seu sadismo ao objeto externo.

O Complexo de Édipo na menina e suas vicissitudes

A travessia da menina pela conflitiva edípica é bem mais complicada e complexa do que a do menino, pois após a relação intensa e pré-edípica com a mãe, o pai entra na relação estabelecendo o corte. Quando se descobre na fase fálica desprovida do pênis, passa a odiar a mãe que não lhe concedeu o falo. Porém, os profundos motivos deste ódio estão relacionados à idealização do pênis como portador de qualidades que garantem "potência infinita permitindo ao seu possuidor segurança e liberdade absolutas, imunidade a toda angústia e toda a culpa, proporcionando prazer, amor e realização de todos os desejos. A inveja do pênis é sempre inveja de um pênis idealizado" (Chasseguet-Smirgel, 1988, p.153). Quando se volta para o pai idealizado, identificando-se com o mesmo, perde o fundamento de sua condição sexual, sendo obrigada a voltar-se para mãe, pois precisa desta identificação, pois ser mulher é ter um corpo como o dela (Kehl, 2008).

A descoberta da castração materna coloca em julgamento o seu poder de narcisizar e a menina passa a esperar do pai a valorização. Porém, precocemente ela se apercebe, não só no imaginário, mas no real das diferenças e privilégios do mundo masculino, fazendo com que ela se inscreva num universo simbólico em que sua imagem é desvalorizada, independentemente de sua vontade ou capacidades pessoais. A questão da castração não está relacionada a questões anatômicas, mas a fatos simbólicos, ou seja, o poder da mãe e seu desejo não são absolutos, visto que ela necessita do pai-homem para a sua completude; e o

homem não pode realizar nunca o seu desejo, visto que é da ordem do fantasma (Bleichmar, 1988).

Para a menina, é muito difícil recalcar completamente sua suposta masculinidade, primeiro porque não apresenta angústia de castração, e segundo, porque o abandono completo da identificação com o pai a coloca em risco de fundir-se novamente com a mãe. Porém, é necessário que ela supere o intenso amor pelo pai, por vias identificatórias com a mãe para não ficar condenada a certa infantilidade e demanda de falo dirigida ao pai ou seus substitutos, tendo como conseqüência o prejuízo na constituição do superego, dos ideais e da sublimação (Kehl, 2008).

O pai imaginário é introduzido pelo discurso materno, enquanto detentor do falo - significante do objeto do desejo materno. Com seu olhar desejanter voltado para a mãe, ele indica para a menina que ser mulher implica ser desejada por ele. O pai é o terceiro que organiza o espelho através do qual ela selecionará os traços com os quais comporá sua feminilidade (Kehl, 2008).

E o que o pai espera da menina? Além de graça e beleza, sensibilidade e cuidado para com as necessidades dos outros, companheirismo, paciência e recato, mantendo-se afastada das tão "perigosas" pulsões sexuais. A menina deve ter capacidade de tecer a teia das relações nas quais ela mesma se apóia, mas, paradoxalmente, estas mesmas qualidades são desvalorizadas pelo universo masculino (Bleichmar, 1988).

Entretanto, essa dimensão da função paterna é insuficiente para que ela inicie seu processo de invenção de sua própria narrativa singular, constituindo para além de ser mulher alternativas que permitam escolher que mulher vai ser. A identificação com a mãe só lhe permite transitar por duas possibilidades: a despossessão fálica, na identificação dos ideais de uma feminilidade que não é exatamente a da mãe, mas do desejo do pai; ou a falicidade, realizada com a identificação com a mãe não castrada do imaginário pré-edípico (Kehl, 2008, p.250).

Em nenhuma dessas possibilidades é possível constituir o que Kehl (2008) chama de narrativa de uma história de vida pela qual o sujeito se responsabiliza a partir de sua relação com a falta, ou seja, com o seu desejo. A questão é mais complexa. É necessário identificar-se com a mãe, porém sem se confundir com a mesma, sem a necessidade de abandonar as identificações paternas. "O resto - um estilo que se faça desejável a partir da castração/uma narrativa que a faça feliz a partir do manejo do falo - o resto sempre será por construir" (p.264).

Cabe ao superego (herdeiro do complexo de Édipo) decidir quais as identificações deverão sobreviver ao recalçamento, de acordo com os ideais da cultura e época. Ele deveria

ser mais brando na menina, visto que ela não tem motivos para temer a castração e não tem necessidade de recalcar os traços de sua identificação com o pai. A identificação das meninas com o pai ajuda a estruturar recursos sublimatórios e a construir novos destinos para a pulsão. O sucesso desta manobra depende da acolhida paterna. Entretanto, na falta desta acolhida, a mulher pode construir outros destinos pulsionais através de sua vida amorosa ou mesmo pelo convívio com homens que ela admira (Kehl, 2008).

O Édipo freudiano fica reduzido à problemática do fálico; entretanto o inconsciente não abriga nada além das pulsões parciais, que por sua vez, ignoram as diferenças sexuais. "Se só existem pulsões parciais e não genitais que apontariam para as questões genitais, como poderiam ser explicadas as escolhas de objeto, o amor, e a atração sexual?" (Soler, 2005, p. 20) A teoria freudiana nos remete à renúncia do amor primordial (a mãe) e ao gozo referido a ela. Porém ao transpor esta explicação para o lado feminino, ele se deparou com muitas surpresas e desmentidas, fracassando no final. Sua famosa pergunta "o que quer uma mulher?" poderia ser traduzida por questões que mostram que o Édipo produz o homem, mas não produz a mulher (Soler, 2005).

Além da questão do Édipo, acreditamos que a principal consequência para a perda do ideal feminino seja o permanente e poderoso processo social de depreciação do gênero, que começa na primeira infância e que terá maior intensidade na latência e na adolescência. Portanto, para que a feminilidade seja desejada, deve se constituir em algo idealizado. A pergunta de maior pertinência não está vinculada às questões identificatórias com a mãe e com o pai e de como a menina faz essas trocas de objeto, mas sim como faz uma menina para desejar ser uma mulher em um mundo paternalista, masculino e fálico (Soler, 2005).

A menina, logo que chega à puberdade, descobre-se desigual não só com relação aos homens, mas também com relação ao próprio gênero. São agrupadas pelas leis sociais em mulheres respeitáveis ou que se fazem respeitar, ou como levianas e fáceis, fazendo com que surja uma linha de clivagem com relação a sua sexualidade, na qual será marcada pela moral social que proíbe o exercício de sua sexualidade de acordo com o seu desejo. A moral se opõe à pulsão feminina.

A relação das identificações com a falta/o falo/o desejo

Ao nascermos e para sempre somos marcados por significantes ("homem e mulher") mesmo antes de qualquer possibilidade de escolha. "A partir das diferenças anatômicas com

as quais teremos que nos haver para nos constituirmos, a cultura nos designa, bem como nossos pais o objeto que deveremos privilegiar e o discurso a partir do qual nos enunciaremos no mundo" (Kehl, 2008,p.9).

A travessia edípica nos torna seres sexuados e possibilita que nos identifiquemos com os padrões e ideais considerados próprios ao gênero, faz de nós sujeitos singulares marcados pela diferença que se manifesta pela forma como fomos inseridos dentro do grupo familiar, pelo que representamos no inconsciente de cada um de nossos pais, por questões transgeracionais, pela cultura a qual pertencemos e, marcada ainda, pelo nosso desejo. A forma como nos colocamos no mundo, a nossa caminhada em direção a abandonar o lugar primário de objeto (no desejo do Outro) para a de sujeitos desejantes e capazes de enunciar o próprio discurso são marcados também pelos fatores acima citados.

O Complexo de castração como determinante da posição feminina é aceito por Lacan, porém ele entende que não se trata do pênis, mas de um significante - o falo. As relações entre os sexos giram em torno de um ser e de um ter falo, diferente do que pensava Freud, pois para ele a demanda do amor era vista como feminina (falta). Para Lacan (citado por Soler, 2005) a falta passa a ser positivada, ou seja, na relação dos desejos sexuados a falta fálica da mulher se converte no "ser falo", isto é, aquilo que falta ao Outro. Este "ser falo" coloca a mulher no lugar do desejo do homem e graças a esse desejo a falta se torna compensatória, pois ela se transforma no que não tem, positivando a falta feminina (Soler, 2005).

Entretanto, pensando assim, a mulher é portadora do falo frente a falta do homem, nunca o é para si, como já postulava Freud. Esse lugar em que a mulher foi colocada faz dela a parceira do homem, o falo, ou seja, o representante da falta do homem, depois de ser a causa de seu desejo. Ela é sempre definida em relação ao homem, nunca em relação a si - mesma, mas apenas como o seu ser em relação e para o Outro (Soler, 2005).

A questão da castração está relacionada simbolicamente ao fato da mãe não ser este ser todo poderoso e que necessita do pai-homem para completá-la. Junto a este fato, na constituição do gênero feminino, devemos levar em conta a constatação da desvalorização social de seu gênero, que são percebidas desde muito cedo com fortes conseqüências sobre seu sistema narcísico (Bleichmar, 1988).

Assim, os ideais narcísicos das mulheres estão relacionados: a) ao nascimento de um filho que lhe prova ter sido capaz de um ato máximo de criação b) à beleza corporal e a

sedução, pois muito precocemente ela perceberá que só será reconhecida se cumprir o papel designado pelos pais e pela sociedade que é o de casar e ter filhos c) à uma sexualidade como uma atividade narcisista, porém pouco narcisizada, pois a mulher que desperta o desejo e o controle do homem se encontrará na posição de máximo poder, porém a sua pulsão sexual não pode ser vivenciada plenamente, pois não é aceita pelo social. Frente a esse impasse, ela se vê dividida, estranha e invadida por um mal estar cada vez que é tocada pela pulsão sexual. Assim, ao longo de sua constituição a mulher coloca em jogo aquilo que é menos narcisizado: a sexualidade (Bleichmar, 1988).

A descontinuidade do corpo, sua porosidade, suas fendas, juntamente com a libidinização materna possibilitam o erótico. O sujeito é carente em suas possibilidades de satisfação e necessita do outro na busca da completude de suas falhas eróticas. A incompletude e a fragilidade são formas primordiais de ser do sujeito, assim como a feminilidade. Em função disso, somos movidos pelo erotismo e a crença de que o outro possa nos complementar através do gozo. Os momentos de gozo são fugazes. Vem e passam, deixando novamente o sentimento de incompletude (Birman, 2003).

Os papéis desempenhados no jogo do amor, da sedução são permeados pelo recalçamento do falo, acabam enaltecendo o parecer. As práticas dos adereços revelam afinidade entre o objeto e seu envoltório. Quando falamos do corpo feminino, falamos do falso do corpo, dos esforços que as mulheres fazem para se tornarem mais desejadas. Assim esse corpo não é seu, é produzido e desvenda o falo, o desejo de ser desejada. (Birman, 2003).

A sedução seria o resultado da luta por prestígio nas relações entre os sexos. Para se opor à figura do homem com o falo, restaria à mulher capturar do homem, através da sedução, seu poder erótico e social. Desta forma, ela se sentiria valorizada como senhora toda poderosa de suas conquistas amorosas, como forma de diminuir as disparidades entre os sexos, visto que o homem levaria vantagens em outros âmbitos da existência (Birman, 2003).

Na sedução algo vital é retirado do sujeito e paradoxalmente ele se sente muito especial se colocando como cúmplice neste cenário. Ele acredita na beleza de seu corpo, em suas virtudes e, acredita na realização de sua existência. O sedutor acredita ser capaz de preencher as falhas inerentes do humano e da vida. Assim, a dupla se mantém em uma posição de gozo absoluto em uma posição de completude absoluta - "sua majestade o bebê" (Freud, 1914/2006).

Temos que levar em conta, também, que na sedução o sujeito se degrada à condição fetichista, ou seja sua função passa a ser a de preencher a suposta falta do outro, assim como muitas crianças são colocadas em posição na qual necessitam realizar o ideal dos pais. A função do fetichismo é anular a diferença sexual e a castração materna, encobrendo com uma máscara o horror do vazio. Para não se deparar com a angústia de castração, o sujeito aciona o fetiche. Assim, não se depara com os limites do outro, não se depara com suas falhas (Birman, 2003; Kehl, 2008).

Essa leitura da sedução nos aproxima do masoquismo moral e feminino, pois não passa pelo erótico, mas pela necessidade dos parceiros se livrarem da condição de desamparo, pelo tamponamento do vazio. Também nos aproxima do sadomasoquismo em função da relação de poder que se instaura entre os parceiros. A captura pela sedução é uma estratégia de "Narciso" por dois lados, pois está relacionada com a polaridade fálica (poder) e desfalização total, visto que o sedutor tenta manter seu poder não reconhecendo sua insignificância no mundo e o seduzido busca evitar o confronto com o seu desamparo mediante o masoquismo (Birman, 2003).

A prostituição: uma face feminina?

Os dilemas da feminilidade e a moral levam a um desequilíbrio narcísico, pois ser mulher é poder fazer uso de sua sexualidade, porém para ser respeitável, é necessário reprimir o desejo. Para ser mulher, e valorizar-se como tal, é preciso ter experiências sexuais, não ser ingênua. É preciso ser sedutora, manipular os homens para que a desejem, o que a transforma em uma narcisista que prefere ser amada que amar. Contudo, desejar o desejo e não sua satisfação a mantém à distância do gozo, da aprendizagem e da maturidade sexual. Assim, de alguma forma, não se narcisiza, pois permanece em nível de erotismo infantil, que faz sentir-se incompleta, apesar de manter sua honra. Entretanto, se acende o desejo e a sua sexualidade, crescendo como fêmea, cai na categoria de mulher desonrada e no medo de perder o homem. Aqui, é importante lembrar que a angústia da mulher não é a angústia de castração, mas da perda do amor (Bleichmar, 2005).

A mulher, ao contrário do homem que dissocia o desejo do amor como forma de manter a sua supremacia fálica, tenta negar o desejo puro e utiliza o alibi do amor colocando-se para o outro como objeto do desejo e não como objeto de amor. Nas análises com mulheres, percebe-se o fascínio pela prostituição, que em seu imaginário, é lugar de puro

prazer e que, muitas vezes, auxilia a mulher na organização de sua sexualidade. Ir para cama com homens amados, nem sempre permite as fantasias sexuais e a realização do desejo, pois, de certa maneira, o amor protege da entrega sexual (Aulagnier, 1990; Kehl, 2008).

O que a mulher não pode suportar é que o homem saiba que ela não é apenas desejável, mas também desejante. Desejante de seu desejo por ela e, portanto, carente do homem.

O conflito da mulher, ao ter que se embelezar para sentir-se desejada sem a garantia de ser amada nem a necessidade de manter-se casta, faz com que a fantasia da prostituição a autorize a retirar-se do circuito entre o amor casto e permitido e o sexo interdito pelo pai.

Crer no amor paterno e trair os ditames do mesmo possibilita que a mulher organize uma fantasia na qual possa oferecer seu corpo a qualquer homem, sem escolhas, sem regras para simplesmente, sem culpas, gozar de seu corpo livremente, escapando das malhas edípicas (Aulagnier, 1990).

Entretanto, algumas mulheres passam da fantasia ao ato e visitam a prostituição como uma possibilidade de que seu corpo endureça, como uma retomada de poder. Como uma forma de masoquismo, elas decidem como vai ser seu sofrimento e sua miséria. No exercício da prostituição, a mulher procura um encontro diferente da fantasia neurótica (Calligaris, 2006).

Elas procuram um encontro com o pai imaginário, que é cruel e que priva, o pai da noite. É aquele pai que só as reconheceria no real de seu corpo e que não se colocaria como exceção, que as desejaria como qualquer outro (Calligaris, 2006. p.60)

Para que a mulher possa entregar seu corpo ao desejo, precisariam acreditar uma vez que o amor do pai as protegeria. Por maior que seja a miséria, estas mulheres buscam na prostituição reconhecimento, um amor, um olhar de maneira a evocar um pai que faça a diferença (Calligaris, 2006).

Procuram incessantemente algo que lhes ofereça o mínimo de simbolização, elas se deparam com caricaturas do pai do dia e do pai da noite. Elas encontram o cafetão e encontram o cliente; em ambos os casos seu corpo é que está em evidência (Calligaris, 2006. p. 62).

A Prostituição "representa para a mulher a necessidade de um desejo que pouse sobre seu corpo marcando sua existência". Essa necessidade pode levar a fantasias que abre possibilidades para uma vida erótica, pode continuar soterrada no inconsciente, ou ainda, ser realizada levando a entregas arriscadas (Calligaris, 2006, p. 60).

Quando o amor paterno falta ao apelo, essa mesma necessidade pode expressar-se num destino de violência sexual, sofrida e sem valor erótico. De qualquer forma a

interrogação do desejo dos outros e o horizonte (por fantasmático que seja) de entregar-se a tal desejo parecem constituir um traço da posição feminina, talvez até seu traço decisivo, o que significa que a questão da prostituição - no mínimo sua fantasia - é um *sine qua non* da vida de qualquer mulher, mesmo que sua escolha seja a virgindade e o amor do pai (Calligaris, 2006. p. 69).

Prostituição: uma forma possível de subjetivação frente ao desamparo?

A questão do desenvolvimento da mulher e da feminilidade já é bastante complexa em situações em que a travessia edípica transcorre sem grandes intercorrências, pois pressupõe questões difíceis como a aceitação das diferenças, da castração, identificações e a constituição da identidade de gênero. O superego vai se organizando, também, de acordo com os ideais da cultura, da época e do lugar que a menina ocupa no inconsciente dos pais. Porém, quando estes processos por algum motivo são impossibilitados, é importante indagar: quais as outras formas possíveis de sobrevivência psíquica?

MARIA EUGÊNIA - O gozo perverso

Ao abrir a porta do consultório, em um primeiro atendimento, surpreendo-me com a mulher bonita, charmosa e bem vestida que se apresenta. Suas roupas e acessórios de qualidade, mais sua beleza natural certamente fazia com que a mesma não passasse despercebida onde quer que fosse.

"Vim porque não consigo não trair os homens que me tratam bem."

Maria Eugênia tem 34 anos, e sua família de origem é bastante pobre. Sua mãe criou-a de modo operativo e nunca a valorizou como menina. Tão logo foi possível, a colocou para fazer os serviços domésticos, enquanto via televisão ou dormia. Seu pai era um homem grosseiro que não lhe dava atenção, passando longos períodos desempregado em frente à televisão.

"Tenho a sensação de que minha mãe nunca teve prazer em nada na vida dela e nunca percebi amor entre eles. Parece que tinham se acostumado àquela vidinha medíocre. Não que a pobreza me incomodasse, mas a vida como era levada. Não tinham ambição, e era cada um na sua, ou brigando. Para minha mãe, tudo era uma desgraça... castigo de Deus... coisa do Demônio. Um dia eu, iria pagar por incomodar; um dia, ela ia morrer e eu ia ver só. Eu ia sentir na carne as dores que ela sente."

"Eu quando criança andava suja, com as unhas grandes e desgrenhada. Fui aprender que se toma banho todos os dias quando tinha 12 anos. Apreendi com um vizinho, assim como via que o mundo era diferente na televisão."

Maria Eugênia desde cedo teve que buscar modelos identificatórios satisfatórios fora de casa. Vizinhos, televisão... Modelos identificatórios distantes, frios. O pai não foi introduzido pelo discurso materno e lhe dirige um olhar incestuoso que a transforma em rival da mãe pré-edípica poderosa e sádica. Uma mãe vingativa que lhe empurrava para o trágico através de seus mandatos.

"Meu pai tinha ciúmes da minha mãe. Não deixava minha mãe me amamentar. Tinha que ser escondido, ou ele batia nela. Eu lembro de muita coisa em criança. Eu tentava olhar o corpo da minha mãe nú, mas ela se fechava. Isso me excitada, então, me masturbava."

Seu pai era violento, desvalorizado por sua mulher e se mostrava incapaz de fazer o corte com essa mãe pré-edípica, porque era incapaz de oferecer as qualidades necessárias para que Maria Eugênia passasse a idealizar o pênis como portador de toda a segurança, capaz de afastar toda a angústia e culpa, proporcionando prazer e realizações, movimento que, segundo Chasseguet-Smirgel (1988), se espera que a menina realize, quando se descobre desprovida do pênis. Ele não consegue mostrar para Maria Eugênia sua admiração pelo sexo feminino de forma que ela pudesse organizar a sua feminilidade. Pelo contrário, ela se torna um corpo... Torna-se hiper sexualizada, forma pela qual acaba sendo, eventualmente, valorizada. Por outro lado, a mãe não dava o olhar afetivo necessário para a sua constituição, de maneira que a masturbação funcionava como uma forma auto-erótica para lidar com as angústias.

"Nestes períodos em que meu pai estava desempregado, passava os dias bebendo. Nestes dias eu sabia que se não tivesse barraco em casa eu ia ter visita a noite. Ele entrava no meu quarto e fazia carícias de cunho sexual. O estranho é que eu sabia que não era certo, mas de alguma forma eu gostava, me sentia especial." (sic)

O traumático é potencializado quando há privação ou falhas do objeto em suas múltiplas funções, de cuidado, de reconhecimento das diferenças, de implantação da lei entre outras. A mãe é o primeiro objeto de amor para ambos os sexos e introduz a função paterna (lei) na vida da criança. Entretanto, o projeto humano é abortado, quando a transgressão perversa priva a criança da possibilidade de encontrar seu lugar no mundo, pois vive em um ambiente onde relações se dão às avessas. Nessa inversão fundamental, na qual o amparo e as questões afetivas servem para a hiperssexualização da criança, ela passa a ser objeto de uso.

O desamparo ontológico, inerente a condição humana, se dá quando a criança percebe a sua não onipotência, com entrada da lei. Frente a faltas e frustrações, surge o desamparo e o desejo, logo a possibilidade de crescimento. Porém, quando os progenitores perversos utilizam o poder para transgredir a ordem natural das coisas, perpetram o desamparo como um abismo, que aprisiona, enfraquece os recursos internos, impossibilitando o crescimento de uma vida psíquica.

Maria Eugênia casou-se com um homem que era um pouco mais moço que seu pai e teve dois filhos, uma menina que hoje tem 15 anos e um menino de 12 anos. Após um casamento de 10 anos, cheio de conflitos e agressões, foi abandonada pelo marido. Sem pensão, sem trabalho e sem estudo, voltou para a casa dos pais, agora acompanhada por dois filhos.

Maria Eugênia busca para casar um homem com a idade e características do pai. No interdito desta escolha, parece que ela tenta mudar o traumático de um Édipo mal elaborado, mas acaba repetindo as mesmas vivências nas quais ela é desvalorizada, desqualificada, tendo seu narcisismo abalado.

"Não suportava o olhar da minha mãe e do meu pai e as acusações de eu era incompetente, não fazia nada direito e que nem um homem que sustentasse meu filhos eu tinha sido capaz de segurar. Falei com uma amiga e fui para Rio de Janeiro trabalhar em uma agência de acompanhantes para homens."

Foi neste momento que Maria Eugênia encontrou na prostituição uma saída. Entretanto, através do desamparo atual, ela acaba remontando o desamparo precoce que vivenciou com os pais. Aqui a situação de desamparo também se repete com os filhos, que para que ela pudesse viajar, ficaram expostos aos cuidados de seus pais.

" Eu tenho mais vergonha de te contar da forma como fui negligenciada do que o fato de ter feito programas. Não consigo aceitar que meu pai e minha mãe não me olhassem. Eu achava que eu era um nada, porque eu sabia que não era assim que acontecia com as outras pessoas".

Calligaris (2006) refere que a prostituição, muitas vezes, está relacionada a mulheres oriundas de famílias desestruturadas e carentes de afeto que buscam nesta prática uma forma de se sentirem "amadas" ao mesmo tempo que procuram agredir internamente seus pais. Assim como Maria Eugênia foi traída pelo pai da noite, seu próprio pai, que agredia, abusava e não olhava, agora ela trai, este mesmo pai, através dos "maridos"/amantes que embora

tentem representar o pai do dia não conseguem ocultar o brilho incestuoso do olhar. Além disso, se prostituindo ela de alguma forma passava a existir, a ter um falo, o falo do desejo do outro, que até então não tinha experimentado. Assim, suas falhas e vazios de alguma forma eram preenchidos pelo olhar desejante do outro, pelo *glamour*, por esse novo mundo onde os homens possuíam falo, ao mesmo tempo que a transformavam num falo. Isso corresponde ao que Soler (2005) colocou, ou seja, a mulher passa a ser portadora do falo, pois depois de ser representante da falta do homem passa a ser a causa de seu desejo.

É importante destacar que na prática da prostituição essas mulheres sentem-se autônomas e livres, pois além de se sentirem objeto de desejo do homem, estão satisfazendo algo íntimo delas próprias. Esta liberdade está relacionada também a outras formas de expressar a sexualidade feminina, como roupas ousadas, adereços, maquiagem, além da liberdade de freqüentarem lugares proibidos, bem como andarem pelas ruas na hora que desejarem. Entretanto, aí se encontra um paradoxo, pois esta liberdade acaba as colocando como reféns de "homens" que acreditam que o destino feminino deveria ser: virgindade, mãe e dona de casa. A moral se opõe ao desejo feminino. Também, em nome dessa liberdade, abrem mão de seu próprio corpo, do controle de suas vidas, adotando uma atitude submissa e prestativa. Acabam chegando ao mesmo ponto de onde partiram a incompletude, a fragilidade e a crença de que só o outro as possa completar (Calligaris, 2006).

"O primeiro encontro que tive foi com um jogador de futebol famoso e bonito. Fomos jantar e, depois claro, para o apartamento dele. Era uma agencia legal e a maioria dos homens que eu saia eram inteligentes, ricos e ficavam enlouquecidos comigo. Agora estou com um empresário do Rio de Janeiro, ele é muito rico, me leva para todos os lugares, viajamos muito, no próximo mês vamos para a Europa. Não faço mais programas. Ele comprou um super apartamento duplex no Rio e está reformando todo ele para que eu possa levar meus filhos para o Rio, pois quer casar comigo. Mas isso me deu um desespero, porque, embora eu goste dele e ele me trate como uma rainha, eu estou apaixonada por outro cara e não sei se quero casar. Aí inventei uma história dizendo que tinha que ficar mais próxima dos meus filhos e voltei para Porto Alegre. Ele vem me ver todos os finais de semana e eu passo a semana aqui falando com o outro, quando não mando passagem para ele vir para cá. Acho isso chato, sei que não é certo, mas não sei o que acontece.

Maria Eugênia transgride as leis, quebra as "normas", trai, se coloca em risco, em um processo no qual o ato tem primazia sobre a simbolização, adotando uma posição perversa.

Ela, assim como os homens, dissocia o desejo do amor como forma de manter o controle fálico. Entretanto, a possibilidade de perder este controle a assusta; faz retroceder à ilusão da completude fálica. É melhor ter todos e não ser de ninguém. No exercício da sedução que passa por "Narciso", ela seduz se coloca em uma posição de gozo absoluto, pois acredita ser capaz de tamponar a suposta falta do outro, tentando manter seu poder e assim, encobrir o horror do seu próprio do vazio (Birman, 2003).

"Eu tenho pensado, gostaria de largar tudo isso. Vender meus carros, meu apartamento e comprar um apartamento menor. Abrir um negócio para mim, onde eu seja dona do meu nariz. Morar com meus filhos, dar mais atenção a eles. Fazer uma faculdade. Mas aí sabe o que os meus pais dizem? Que eu sou burra, que deveria casar. Eles estão muito felizes, porque ganharam uma casa. São interesseiros. Agora me querem por perto. E o pior é que eu fico com nojo, mas não consigo me afastar totalmente. Talvez pela primeira vez eu esteja sendo vista por eles."

No momento que Maria Eugênia procura tratamento, percebe-se um insipiente desejo de modificar seu próprio destino, de romper com as repetições e de refazer sua história. Parece surgir a capacidade de sonhar um sonho, de ter um ideal, de ter um discurso capaz de diferenciá-la neste mundo de "Marias". Entretanto existe a ambivalência. Levou tantos anos para ser vista por estes pais e agora, somente pela prostituição é que parece ser valorizada por eles.

MARIA AUGUSTA - O gozo sádico do superego

Maria Augusta lembra uma adolescente pelo seu corpo e forma de vestir. É delicada, discreta, fala baixo e senta-se bem na ponta da poltrona, denotando ansiedade. Chora muito nos primeiros encontros.

"Eu vim procurar ajuda porque estou muito mal. Minha mãe está doente há três anos. Teve um AVC e está morando comigo. Tem horas que eu sinto muita raiva e brigo com ela, mas me sinto muito culpada. Afinal, é minha mãe. Não entendo porque me preocupo tanto em cuidá-la. Ela foi muito ruim comigo, me xingava, me batia. Ela era uma pessoa muito difícil, até com os maridos que teve. Não tenho paz nem para trabalhar. Não tenho mais intimidade com o meu marido."

Maria Augusta tem uma história de vida em que o modelo transmitido, predominantemente pela família foi o de violência com um tipo de relação uso/descarte do

objeto. Ela não foi gerada com amor. Sua mãe foi objeto de uso sexual em uma casa onde trabalhava de empregada doméstica e foi *descartada* quando se soube de sua gravidez. Maria Augusta, também foi descartada, pois nunca foi reconhecida pelo pai, e a mãe a abandonou na casa dos avós aos quatro meses de idade, retornando quatro anos depois com uma família constituída. Após sua volta, retirou Maria Augusta dos cuidados dos avós que, embora não fossem figuras capazes de preencher suas necessidades afetivas, de alguma forma lhe proporcionavam certa segurança.

"Quando a minha mãe veio me buscar foi muito estranho. Eu tinha um irmão, um pai, meu padrasto, e uma mãe que eu não conhecia. Embora meus avós nunca tenham me dado afeto - minha avó era cega e não saía da cama e meu avô acho que era deprimido - até então eram eles a minha família. A minha mãe era muito difícil e eu tinha medo dela. Eu tinha que cuidar do meu irmão e, às vezes... (pausa), ela me mandava na casa de um homem buscar dinheiro, eu ia, e ele só me dava o dinheiro depois de me molestar sexualmente. Eu tinha medo de contar para minha mãe... tinha medo de dizer que não ia. Hoje, pensando, acho que ela sabia que ele me molestava. E aí eu fico com muita raiva, porque fico cuidando dela, abrindo mão da minha vida por ela que nunca fez nada por mim. Outro dia, a mãe ficou doente. Foi um horror. Ela estava com diarreia. Então eu não saía do banho com ela. Eu sou pequena. Não tinha mais forças. E cada vez que trocava fraldas, levava ela quase que no colo para dar banho, para que ela não se assasse. Mas a verdade é eu fiquei com o cheiro de merda no meu nariz. Dava nojo. Mas era minha mãe. Dava culpa. Por outro lado, parece que cuidar dela nos aproxima. Talvez assim ela possa gostar de mim, e eu tenho muito medo que ela morra."

A atitude de Maria Augusta parece refletir o que Bleichmar (2005) traz sobre os tipos de masoquismo. Ele está associado à posição passiva pré-edípica, bem como é vinculado à concepção existente da posição feminina como o masoquismo feminino e o masoquismo moral, embora não seja um comportamento exclusivo deste gênero. Nem sempre se limita a condutas intrapsíquicas. Na intersubjetividade, ele está relacionado com os maus tratos e com a hostilidade parental, quando o sujeito assustado frente à agressividade busca o sofrimento como forma de induzir culpa e amor na figura parental temida. A atitude parental hostil é internalizada, e o sujeito passa a se submeter a humilhações e maus tratos, rebaixando-se frente ao objeto externo para garantir o amor. Renuncia ao prazer e ao desejo por medo da

castração e adota atitudes e identidades que o prejudicam e o fazem sofrer, porque este sentimento é menor que a angústia persecutória.

Aos 14 anos, Maria Augusta, cansada de ser maltratada, saiu da cidade em que morava e veio para Porto Alegre com seu irmão de nove anos. Ela trabalhava durante o dia para sustentá-los e estudava à noite, mas o salário era pequeno, e, muitas vezes, eles passavam fome. Neste período, ela cai no desamparo total. Uma criança tentando cuidar de outra criança.

"E ainda tinham os bichos de rua. Eu adoro animais. Dou mais valor a eles do que as pessoas; eles nunca vão te fazer mal. Então, eu pegava os bichos abandonados na rua e levava para casa. Nem sempre tinha comida; quando tinha, dividíamos todos. Eles faziam parte da minha família."

Por um bom período ela se identificava com estes animais de rua. Não teve um olhar desejante, nem materno, nem paterno. Não houve um ideal. Eram falhas... vazios... buracos. Era dos animais que recebia um olhar, que recebia amor. A travessia edípica de Maria Augusta foi muito insipiente, comprometendo sua forma de se colocar no mundo, bem como suas identificações.

"Um dia, uma amiga me indicou uma casa de prostituição e eu fui procurar. Quem me recebeu foi meu atual marido que, na época, era o gerente da casa. Ele quem me introduziu. Ele é bem mais velho que eu. Tem a idade da minha mãe, e acho que isso me passou confiança e eu acabei me apaixonando."

Kehl (2008) refere que nos tornamos seres sexuados a partir da travessia edípica e para nos tornarmos seres desejantes, necessitamos primeiramente sermos desejados. A prostituição é marcada pela falha de poder ocupar o lugar do desejo do outro, onde a mulher busca o amor de um pai que possa fazer a diferença e que possa marcar a existência de seu corpo (Calligaris, 2006). E parece que foi exatamente isso que aconteceu com Maria Augusta.

Ela se apaixonou pelo gerente desta casa, que a introduziu na prostituição, fazendo com que ela se sentisse protegida. Talvez aí, Maria Augusta tivesse pela primeira vez sentido um olhar, simbolicamente do pai, que lhe dava carinho e lhe admirava. Talvez aí, pela primeira vez ela tivesse se sentido "cuidada". Porém, nesse momento seu corpo entrou em evidência, pois o olhar que recebe é incestuoso. Mescla o pai da noite e o pai do dia, pois, ao mesmo tempo que o homem por quem ela se apaixona protege e cuida, ele vende seu corpo

para os clientes, que também lhe dirigem um olhar... um olhar de desejo que vê os prazeres do corpo e não percebe as demandas da alma.

A visita pela prostituição possibilita o endurecimento da pele e, a partir daí, são as mulheres quem decidem como vai ser sua miséria, seu sofrimento. Não são mais pegadas de surpresa. Como uma forma de masoquismo, elas buscam o pai da noite, cruel e que priva. O masoquismo defensivo é uma forma de antecipar-se ao que é temido de maneira a não ser surpreendido, convertendo mentalmente em situação prazerosa e desejada o que originalmente foi traumático (Calligaris, 2006; Bleichmar, 2005).

"A violência da prostituição não era nada comparada com o que eu passava em casa. Não era nada comparada ao abuso sexual que sofri. Ali era uma escolha minha. Eu tinha o controle. O abuso, quem controlava era a minha mãe, e eu não tinha coragem de dizer não, tinha medo de apanhar."

Conforme indica Aulagnier (1990), culturalmente a organização da sexualidade permite ao homem o gozo e sua ausência, porém para a mulher o prazer e a dor. Quando o prazer não é alcançado, a mulher pode erotizar a dor e esta, por fim, pode tornar-se fonte inesgotável de prazer. Maria Augusta fala-nos desse paradoxo ao relatar:

"No início, eu gostava de transar com ele... (marido) Era meio proibido, pois trabalhávamos na mesma casa. Hoje eu gosto dele, acho que é amor, mas não tem mais tesão. Fazer sexo para mim é muito ruim, me dá nojo. Para ter orgasmo, tenho que pensar que estou sendo estuprada, que estou apanhando. É muito nojento".

A dificuldade que apresenta de manter relações sexuais prazerosas com o marido podem estar relacionadas ao fato de ele ocupar o lugar da figura paterna, pois sua escolha foi em busca de proteção e não de uma relação genital madura. Assim, fica difícil de perceber o marido como um homem que possa dar e ter prazer, e sente-se como objeto de uso. No momento em que casa e passa ao *status de* uma mulher respeitável, ocorre um desequilíbrio narcísico, pois fica impedida de fazer uso de sua sexualidade, reprimindo o desejo. Ela se satisfaz, então, em ser desejada e, para poder aproximar-se do gozo, precisa de fantasias sádicas que a deixam culpada, porém satisfeita.

Conforme Bleichmar (2005), para sentir-se mulher, é necessário que ela tenha experiências sexuais satisfatórias; entretanto, esse desejo deve ser reprimido. Assim, a mulher acaba usando de artifícios sedutores de forma a manipular os homens de maneira que passam desejar o desejo e não a sua satisfação, mantendo-a distante do gozo e da maturidade sexual.

Esse processo faz com que ela permaneça em nível de erotismo infantil no qual sente-se incompleta, mas mantém a honra. Para a mulher, é difícil suportar, em função da repressão moral e do medo da perda do amor, que o homem perceba que ela não é apenas desejável, mas também desejante (Calligaris, 2006).

"Saímos da casa de prostituição, e ele montou uma empresa pequena que agora cresceu bastante. Eu fiz um curso de cabeleireira; hoje tenho meu próprio salão. Nosso apartamento é novo, tem piscina, salão de festas e é num bairro nobre, mas não consigo ser feliz. Sempre falta alguma coisa. Sempre me sinto culpada. Não quero filhos. Acho que não serei boa mãe, e meu marido bom pai".

Maria Augusta tem agora o que talvez por muito tempo tenha sonhado, uma estrutura, casa, trabalho, família. Todavia, não pode usufruir nada disto. E um dos motivos é sua relação tanto com a mãe real como com a mãe internalizada.

"Além disso tenho a mãe para cuidar. Não consigo colocá-la em uma clínica geriátrica. Seria abandoná-la. E eu gosto quando chego a tardinha e deito com ela, eu pergunto se ela gosta de mim, às vezes ela diz que não... outras diz que sim, mas quando não estou em casa ela pergunta por mim. Ela parece meu bebê. No dia das mães a minha cunhada e minha sogra me felicitaram, pela mãe, como se ela fosse minha filha, e eu fiquei super orgulhosa."

Crianças que não conseguem ser narcisizadas pelos pais na realidade retornam com soluções onipotentes. Mãe deprimidas, não responsivas, como a mãe de Maria Augusta, fazem com que a vida emocional dos seus filhos seja permeada de mal estar (Bleichmar, 2005). Este mal estar é vivido por Maria Augusta cada vez que ela pergunta a mãe se é gostada e recebe como resposta a mesma rejeição. Os sentimentos de segurança e apego dessas crianças com figuras significativas ficam associadas ao sofrimento. As condutas auto-afirmativas e de individuação são percebidas como atos de agressão. A criança, ao invés de cuidar-se, passa a atacar-se como forma de atacar a mãe. Por outro lado, o vínculo de submissão à mãe implica o sentimento pela atenção que estas dedicam quase que exclusivamente ao filho, visto que os pais desempenham papéis secundários ou se auto-excluem.

A paciente reencena a vivência edípica neste processo de seu casamento onde vivem pai, mãe e ela como filha em um arranjo onde a mãe não cuida e ela não tem sua própria vida. O sentimento é de triunfo onipotente por esta exclusividade em relação à mãe. O sofrimento

fica marcado pelo prazer da presença do objeto e a preferência que se experimenta na exclusividade do vínculo (Bleichmar, 2005). Para sentir-se aliviada, precisa ser castigada fixando-se em uma posição masoquista, na qual o papel que ocupa nas relações objetais é de objeto de uso. Seu desejo é o desejo do outro; ela fica impossibilitada de "ser" de se subjetivar.

A falta de investimento narcísico combinado com o modelo de uso/descarte fazem com que, desde cedo, Maria Augusta fique imersa em angústias de fragmentação e desamparo, pois quer ser amada e olhada.

Identificada com a mãe, enquanto bebê, tenta cercá-la de carinho e atenção, como gostaria que a mãe tivesse feito com ela no passado. Mãe/bebê - filha/bebê, elas permanecem fusionadas e indiscriminadas como se, dessa forma Maria Augusta pudesse mostrar para ela mesma que é diferente da mãe e/ou tratando-a como gostaria de ter sido tratada. Não se sente capaz de ter filhos, pois, identificada com a mãe, acredita que não saberá cuidar e proteger, ou porque também, este lugar já se encontra ocupado.

Considerações finais

O interesse por escrever a respeito deste tema foi buscar entender como algumas mulheres encontram na prostituição uma estratégia para a sobrevivência psíquica. Entraram na prostituição e conseguiram se afastar dando um destino diferente e melhor do que teriam caso permanecessem com a família de origem. Não se drogaram, não psicotizaram, não se tornaram anti-sociais. Não se resignaram a sua condição, não se acomodaram ao ambiente da infância, não ficaram na pobreza. Movimentaram-se para longe, formaram novos vínculos e vieram em busca de psicoterapia.

Maria Eugênia hoje já não trabalha como prostituta, embora tenha um homem mais velho que a sustente em troca de prazeres sexuais. Este homem, entretanto, de alguma forma foi escolhido entre vários e, embora seja traído por ela, é objeto de gratidão e carinho. Em seu percurso pela prostituição, Maria Eugênia aprendeu que existem outras formas de vida, aprendeu que é capaz de ser amada e respeitada e, no momento, está ensaiando seus primeiros passos para a independência financeira, bem como a aproximação dos filhos, os quais abandonou, expondo-os aos mesmos maus tratos pelos quais passou. Quando ela busca tratamento, percebe-se o surgimento de um desejo, desejo de tornar-se uma mulher capaz de

ser mãe, capaz de produzir, capaz de ter uma família e capaz de desejar um homem; de ter e dar prazer sem culpas. Suas pretensões são grandes, mas acredito que a principal delas, Maria Eugênia já adquiriu, ou seja, a capacidade de desejar ser.

Maria Augusta chegou a um lugar com o qual jamais imaginou sonhar. Embora não possa usufruir, por ainda estar muito presa a culpas, tem uma família, conforto, profissão da qual se orgulha e independência financeira. Suas culpas e a necessidade que tem de sentir o amor da mãe que nunca teve em criança, a impedem de ir além no momento. Quando casa-se, sente-se "honrada" e, portanto, passa para o lado oposto da prostituição, matando o seu desejo de ter e dar prazer sexual para o homem que está a seu lado. Neste momento, o sexo passa a ser sujo e nojento sexo passa a ser sujo e nojento. Todavia, ela percebe suas limitações e tem o desejo de se tornar mais mulher. Está cansada das culpas, dos medos... está cansada de se calar frente ao desejo dos outros. Busca terapia, e hoje começa a se aceitar na alteridade, no direito de desejar e na possibilidade de ter seu próprio discurso.

As duas Marias que apresentei a vocês, embora tenham escolhido caminhos semelhantes para percorrer, chegaram a lugares diferentes. As duas com muitas falhas, não passaram da pré-genitalidade, porém se apresentam com um funcionamento neurótico e buscam por um crescimento maior.

Considero importante trazer, ainda, no final deste trabalho as idéias de Freud (1932/2006), nas quais ele afirmava em "A feminilidade" que a mulher depois dos trinta anos sofria de uma imutabilidade psíquica que a fazia envelhecer precocemente. Porém, por outro lado, em o "Id e o Ego", Freud (1923/2006) quando se refere ao superego e às identificações, postula que os recursos do ego dependiam mais das escolhas eróticas de cada sujeito que do próprio Édipo. Dessa forma, Kehl (2003) entende que ele avaliza que as mulheres que tiveram uma vida erótica diversificada apresentam em sua personalidade resíduos das identificações com o pai e com os homens que foram seus objetos de amor. O destino destas mulheres seria diferente, pois com uma personalidade mais rica em função da diversificação de identificações, seus ideais seriam outros, diferente de mãe e dona de casa, e sua estrutura seria capaz de criar novas modalidades sublimatórias para a satisfação pulsional.

Assim sendo, sustento a idéia de que a prostituição foi o caminho que estas mulheres puderam escolher e, dentre os outros caminhos possíveis - o melhor. Conheceram novos mundos, novos modelos identificatórios, possibilitou às mesmas uma vida melhor e mais saudável da que provavelmente teriam se não tivessem feito essa incursão. Mais uma vez,

quero lembrar que não se trata de uma apologia à prostituição, mas que, na história destas pacientes, filhas do desamparo, esta foi uma alternativa.

Referências

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 2003.

BLEICHMAR, Hugo. **Avances en psicoterapia psicanalítica hacia una tecnica de intervenciones específicas**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BLEICHMAR, Emilce Dio. **O feminino espontâneo da histeria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CALLIGARIS, Eliana dos Reis. **Prostituição: O eterno feminino**. São Paulo: Escuta, 2006.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. **Sexualidade feminina: Uma abordagem psicanalítica contemporânea**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FREUD, Sigmund. Os três ensaios da sexualidade. In: SALOMÃO, J. (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 7, pp.184-187). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1905)

_____. O Id e o Ego. In: J. Salomão (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol.19, pp. 27-33). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1923)

_____. Organização genital infantil: Uma interpolação da teoria da sexualidade. In: SALOMÃO, J. (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 19, pp. 155-157). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1923)

_____. A dissolução do complexo de Édipo. In: SALOMÃO, J. (Ed).. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol.19, pp. 191-193). Rio de Janeiro:Imago, 2006.(Original publicado em 1924)

_____. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: SALOMÃO, J. (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 19, pp.273-277). Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Original publicado em 1924)

_____. A sexualidade feminina (2006). In: SALOMÃO, J. (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas**. (Vol.21, pp.233). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1931)

_____. Feminilidade. In: SALOMÃO, J. (Ed). **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 22, pp. 113-124). Rio de Janeiro:Imago, 2006.(Original Publicado em 1932)

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KLEIN, Melanie. O desenvolvimento Sexual da Menina. (L.P.C, Trans.) **Obras Completas de Melanie Klein.** (vol. 2, pp 213-257). Trad. L. P. Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Original publicado em 1932)

SOLER, Collete. **O que Lacan dizia sobre as mulheres.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.